
PENSANDO AS JUVENTUDES, A ESCOLA E A CULTURA DA PAZ

Victor Hugo Nedel Oliveira¹

A violência e suas múltiplas lentes ou formas de interpretação constituem-se de categoria presente no mundo contemporâneo, em especial nas sociedades cujos processos de desigualdades são acentuados, como é o caso do Brasil. Em um entendimento de que as distintas formas de violência podem se fazer presentes nos setores e instituições do cotidiano, é possível assumir que a escola não está à margem da inserção e vivências da violência. As juventudes, por sua vez, constituem-se de categoria analítica composta por sujeitos múltiplos, diversos, complexos e, também, presentes na escola. Pensar as juventudes, a violência escolar e as formas de transpor essas dificuldades, a partir da cultura da paz, constitui-se, portanto, em desafio importante e necessário aos nossos dias. O principal objetivo deste texto é apresentar uma resenha da obra “Juventudes, cultura da paz e escola”, de autoria da pedagoga, mestra e doutora em educação Rosa Maria de Almeida Macêdo, publicada em 2020, pela editora Acadêmica Editorial.

A obra apresenta capítulo introdutório, quatro capítulos de corpo e capítulo conclusivo. Na introdução, a autora anuncia e contextualiza os três grandes temas do livro: juventudes, escola e cultura da paz, e o faz reforçando a pertinência dessa discussão ao campo da educação, uma vez que se trata da instituição escola, com os sujeitos jovens, a partir dos processos de cultura da paz que o texto debruça sua atenção e cuidado epistêmico. Na introdução já são encaminhadas, igualmente, algumas ideias centrais e seus autores, os quais serão discutidos em maior profundidade ao longo do texto.

No capítulo intitulado “A Pesquisa-Intervenção na construção da Cultura de Paz”, são apresentados pressupostos ontológicos e epistemológicos da investigação central que levou à escrita da obra, que residem, dentre variados fatores, na Teoria da Complexidade apresentada por Edgar Morin, principalmente a partir da relação todo-parte estabelecida. Ainda, é discutida a pesquisa-intervenção como um dispositivo de mudança, na medida em que são apresentados autores e é realizado diálogo com os mesmos, no sentido de verificar as potencialidades dessa estratégia de cunho teórico-metodológico. Nesse capítulo são apresentados os caminhos da investigação realizada, que passaram pela construção do campo de análise, questionário, roda de conversa, oficina temática e grupo focal. Em relação ao campo de intervenção, a autora apresenta sua escolha espacial para realização das propostas previstas, que foi uma escola pública situada na zona urbana de Teresina (Piauí), que tinha os anos finais do ensino fundamental, apresentou potencialidades para melhorias na convivialidade entre as pessoas e que teve o interesse da comunidade. O conjunto de informações apresentado nesse primeiro capítulo possibilita ao leitor identificar os principais aspectos teóricos e metodológicos da obra, de maneira a criar expectativa na leitura dos capítulos subsequentes, uma vez que o interesse em avançar na produção do conhecimento sobre o campo da educação se demonstrou ativo e efetivo nas páginas iniciais.

1 Doutor em Educação. Professor do Departamento de Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

No capítulo denominado “As juventudes e suas múltiplas formas de ser e de se sentir jovem”, a autora apresenta e debate o campo das juventudes, a partir de denso referencial teórico e contextualizando o campo enquanto uma categoria social. É trazido à baila um histórico das fundamentais construções realizadas ao longo do tempo, de maneira a que se pudesse ter noção da complexidade, das tensões e das lutas empregadas na garantia de um campo de pesquisa e de vivências políticas que tenha um estatuto próprio, como vem se construindo com o campo das juventudes. Avançando nas discussões, a autora inicia aproximação de dois campos: as juventudes e a escola, e o faz a partir de uma interessante metáfora: os fios, que ao mesmo tempo amarram, mas podem ser frágeis. A autora elenca, em sua visão, quais seriam esses fios: a família, que é colocada como lugar de segurança; o tempo livre e o lazer; a escola, que emerge como espaço da sociabilidade; o namorar ou o “ficar” e, no final dessa discussão, os fios são “ligados” e, com isso, apresentados os jovens que compuseram a proposta investigativa.

Já no capítulo designado “A paz: nós podemos construir essa cultura”, a autora traz à tona uma discussão teórica que gira ao entorno de conceituações daquilo que se entende e se almeja enquanto uma sociedade de paz. São tensionadas, entre múltiplos exemplos, as diferenças entre, por exemplo, lutar por uma sociedade da paz ou por uma sociedade da não-violência, afirmando-se que se constituem de modos distintos. É evidenciado o avanço na compreensão de novos exercícios para entender a ideia de “paz” e a autora o faz a partir de um avanço, igualmente, na discussão do campo conceitual a que se propõe analisar. Assumida a discussão do campo, é introduzido o debate sobre a cultura da paz, principalmente a partir da apresentação de atitudes que são necessárias para a construção dessa nova cultura, quais sejam: respeitar a vida; redescobrir a solidariedade; saber ouvir; ser generoso; rejeitar a violência; e preservar o planeta. O interessante é que a autora demonstra tais atitudes não somente a partir da discussão teórica, mas também a partir da apresentação e do seguinte debate em relação à aplicação das propostas de coleta de dados com os jovens que participaram da investigação.

O capítulo “A escola como lugar de construção da paz”, por sua vez, inicia com discussão sobre educação e escola, na qual a autora se posiciona ao lado da ideia de que a educação está mais relacionada a valores, tradições, conceitos, atitudes, enquanto o trabalho educativo: “é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (MACÊDO, 2020, p. 133). Na sequência, a autora propõe reflexão sobre os encontros e desencontros na relação família escola, principalmente a partir das visões dos professores que trabalham no espaço educativo investigado. Avança-se para a importante tematização de como a educação é concebida e concretizada na escola, a partir de categorias como esperança, vida, amor e bondade. A autora apregoa, ainda, a educação integral como instrumento de promoção da paz, na medida em que não há potencialidades de instrumentos suficientes para a ascensão desse valor que não os da educação integral. O capítulo é finalizado com uma curiosa discussão sobre de onde se parte e para onde se almeja chegar, quando se propõe que o ponto de chegada pode ser o ponto de partida, tendo, obviamente, como cenário a constante e necessária busca da paz nos ambientes escolares, a partir dos sujeitos jovens.

No capítulo conclusivo, “Ligando ponto, tecendo significados”, a autora retoma as principais discussões apresentadas ao longo da obra, em especial ao longo das três grandes categorias estudadas: as juventudes, a partir da captação dos modos de ser e viver dos jovens; a cultura da paz, a partir dos conhecimentos, conceitos e percepções compartilhadas na comunidade educativa; e a escola, em especial à sua função, ao seu cotidiano e sua dinâmica de funcionamento. Para a autora, foi possível considerar que existem dois modos distintos de perceber os jovens: o primeiro, dado pelos profissionais da escola, que atribuem significados mais negativos; o segundo, dado pelos próprios jovens, que se enxergam de maneira mais positiva. Essa diferença de atribuição de sentidos é entendida como um dos principais motivos das constantes tensões estabelecidas entre os jovens e seus professores e, para a autora, a promoção da cultura da paz vêm saciar o apaziguamento entre esses conflitos.

Ao finalizar a apreciação da obra, o leitor que é professor depara-se com um questionamento político, ético, estético e profissional: como se vem buscando a promoção da paz em seus espaços de trabalho? É uma das perguntas que são evocadas com a leitura da obra. O entendimento sobre as juventudes contemporâneas que estão presentes nas escolas também é outro trunfo que o livro entrega aos docentes, na medida em que os múltiplos estudos sobre os jovens possibilitam maior conhecimento em relação a esses sujeitos, seus desejos, angústias e motivações, e isso é de grande valor aos professores. A obra apresenta grandiosa investigação realizada em um contexto local, porém, que pode ser estendido a outras realidades, pois os conceitos-chave empregados na escrita e discussão são universais: jovens, escola e paz.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MACÊDO, R. M. A. **Juventudes, cultura da paz e escola**. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2020.